

Em jeito de epílogo...

A Ana encontra-se às portas da Universidade. O João vai continuar a arrastar-se como aluno auto-proposto pelas salas de exame. A depressão da Deolinda acentuou-se. A nota de Biologia do Celso talvez o venha a impedir de entrar em Enfermagem. A Sónia decidiu repetir Matemática na segunda fase. Os pais da Teresa adiaram a ida para o Alentejo, em Agosto. A mesa de trabalho do Correia encontra-se inundada com os exames de alunos seus, à procura de mais umas décimas redentoras.

O mundo, a partir do qual construímos as crónicas escolares, continua, como se vê, a ferver. Um mundo absurdo, porque o seu sentido se esgota nas fronteiras do academicismo da Escola. Um mundo, cujos fundamentos muitos continuam a pretender salvaguardar, em nome da exigência e do rigor, apesar desse mundo se construir sobre uma evidente falta de rigor que o convencionalismo epistemológico ilude, o comodismo político não enfrenta e os costumes pedagógicos perpetuam.

Decidimos, por isso, de hoje em diante, eleger a exigência e o rigor académicos como o tema dos textos que, nos tempos mais próximos, iremos subscrever neste mensário. Fá-lo-emos a partir de respostas perdidas no correio dos leitores de alguns dos jornais da nossa praça. Fá-lo-emos, também, a partir de episódios e de testemunhos públicos de professores ou de alunos que nos permitam compreender que esse rigor e essa exigência não são conceitos estranhos a algumas escolas e a muitos docentes, embora estes não os confundam com o número de alunos que entram na Faculdade de Medicina ou a classificação de um estabelecimento de ensino num qualquer *ranking* académico. Tornar-se-à possível confrontar, assim, a falsa respeitabilidade das pautas vermelhas com a realidade que as mesma iludem. Tornar-se-à possível enfrentar os discursos daqueles que, a pretexto da necessidade de se premiar o esforço e o mérito individuais, apenas visam justificar o desinvestimento cómodo em que alguns se instalaram ou ocultar os propósitos políticos e ideológicos que parecem animar muitos dos que têm vindo a participar em tal cruzada.

Exigência e rigor são pois conceitos a problematizar, quanto ao que significam e às implicações sociais e educativas que pressupõem. A exigência e o rigor numa escola que visa promover a selecção académica obedece a parâmetros necessariamente diferentes dos de uma escola que visa funcionar como um espaço de afirmação de uma cidadania de natureza democrática. Esta não é menos exigente do que aquela. Bem pelo contrário. Nem tão pouco pode ser menos rigorosa, sob pena de iludir o projecto educativo que a anima ou de abrir as portas a processos de discriminação académica que se distinguem das abordagens mais tradicionais e elitistas, apenas porque tentam ocultar o próprio processo de discriminação que permitem e favorecem.

Os textos que pretendemos redigir obedecem, então, ao propósito de relançar, a partir das temáticas da exigência e do rigor, um debate em torno quer dos actos e dos gestos relativos ao acto de ensinar quer dos actos e dos gestos relativos ao acto de aprender, bem como dos processos de interacção e mediação pedagógica que os permitem. São esses gestos e esses actos que importa olhar de forma mais cuidada e atenta. Que importa perscrutar para além das evidências. Tentaremos fazê-lo como o fizemos até agora, modelando as narrativas em função das palavras eleitas, as quais, neste caso, poderão ser, de acordo com o propósito que nos anima, as palavras exigência, rigor, inclusão e aprendizagem, tal como, no caso das crónicas que hoje encerramos, se torna possível encontrar o rasto de outras palavras que inundam os escritos sobre a Escola: sofrimento, escolástica, mal-estar, alunização dos jovens ou profissionalismo docente.

Segundo Almada, vivemos num tempo em que temos de inventar as palavras que já foram inventadas. Mas como é que se pode apreender a dimensão de uma palavra como dignidade através da palavra dignidade ou de qualquer outra palavra a construir? Como é que se pode compreender a dor através das três letras justapostas que compõem a palavra dor?

E se as crónicas nasceram do reconhecimento dos limites das palavras, já as narrativas, a construir, irão emergir, antes, da rarefacção a que se encontram sujeitas as palavras exigência e rigor. Irão emergir da ambiguidade com que são utilizadas ou do ruído comunicacional que suscitam. E embora saibamos que não há uma abordagem neutra e inequívoca das palavras, também sabemos que é só através das palavras que se torna possível elucidar os jogos de poder que as mesmas tanto proporcionam como estimulam. Rigor e exigência não são, por isso, palavras definitivas e inequívocas. Abrigam atrás delas uma pluralidade de sentidos que nos importa redescobrir através de um olhar curioso a que as narrativas e os textos, a publicar nos próximos meses, pretendem vir a conferir uma forma.